

HISTÓRIAS DE ANCESTRALIDADE

EXPOSIÇÃO DE ROBSON CASTRO REFLETE SOBRE AS ORIGENS E A LIGAÇÃO COM A TERRA EM SÉRIES DE REGISTROS DE PERFORMANCES

Nahima Maciel

As próprias origens e a ancestralidade são os materiais de trabalho do artista Robson Castro para as 14 obras que formam a exposição *Tessituras sobre o chão*, em cartaz na Galeria A Pilastra. Mineiro nascido em Betim e criado em Itambacuri, no interior do estado, Robson veio para Brasília em 1998, aos 18 anos, para estudar e trabalhar. Uma história de migração comum a muitos brasileiros e que inspirou o artista a criar as séries de fotos e videoperformances reunidas na exposição.

A relação com a terra está presente em boa parte dos registros como uma maneira de o artista falar das raízes, da referência e da própria ancestralidade. “A exposição partiu de uma inquietação sobre minha própria origem, do Brasil e de Brasília”, avisa o artista. “Faço uma reflexão bem ampliada sobre esse tema da origem para falar sobre ancestralidade, questionando minha própria origem, o ato de vir

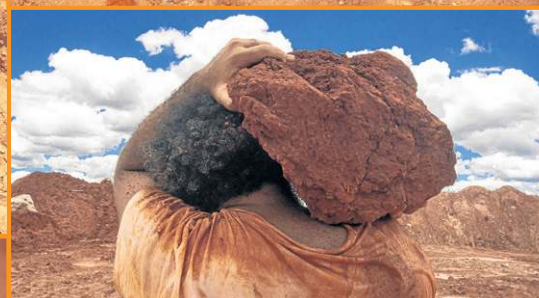
DIVULGAÇÃO



THIAGO SABINO

Terra vermelha tem presença simbólica nas performances

DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO

SERVIÇO

Tessituras sobre o Chão

Exposição de Robson Castro. Visitação até 29 de novembro, de quarta a sábado, das 14h às 19h, na Galeria A Pilastra (Guará II QE 40 rua 09 lote 8)

para estudar e trabalhar, que é também o movimento dos candangos. Então uso essa experiência pessoal para falar de uma questão coletiva.”

Em um dos vídeos, Robson carrega uma lata d’água em um terreno de terra vermelha, outrora terra indígena, hoje ocupada pela especulação imobiliária. Em outro vídeo, penteia os cabelos crespos e bem crescidos e em um terceiro, coloca o rosto

em contato com materiais como terra e pedra. São, ele afirma, maneiras de falar das temáticas que motivaram a exposição. “São fotografias e fotoperformances que tratam de temáticas como a origem e a decolonialidade de forma ampliada e falam de como as pessoas que vieram construir Brasília, ou o Brasil, são tratadas hoje”, diz. “As performances fazem uma leitura poética a partir dessas questões.”

THIAGO SABINO

